

Latino-Americanos à Procura de um Lugar Neste Século.
Garcia Canclini, Néstor. São Paulo: Iluminuras, 2008. 135 p.
Felipe de Paula Góis Vieira¹

O antropólogo Néstor García Canclini, nascido na Argentina em 1939, professor da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) no México e professor convidado das universidades de Stanford, Austin, Barcelona e da USP, tem ganhado cada vez mais espaço no mercado editorial latino-americano com a publicação de livros sobre estudos culturais, globalização e imaginação urbana.

Em *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*, o antropólogo analisa, de maneira pormenorizada, um tema bastante discutido em todo o legado historiográfico latino-americano: a preocupação com a questão da identidade. Segundo o argentino, não é simples, hoje, falar da América Latina como um todo, pois ao explorar possíveis traços comuns entre os países que compõem o continente, as diferenças saltam aos olhos. Entre os diversos fatores que contribuem para a desagregação continental, o autor enfatiza os intercâmbios culturais num contexto de globalização capaz de diluir – através de migrações e intercâmbios midiáticos – as fronteiras do Estado nacional.

O que há de original no livro é o deslocamento da pergunta “o que significa ser um latino-americano?” para outra, não menos complexa, “quem quer ser latino-americano?”. O livro, de maneira bem resumida, é um ensaio sobre a maneira como a pergunta sobre a “latino-americanidade” está mudando, uma vez que a escala para se pensar essa categoria também mudou. Inserido num debate sobre as identidades na pós-modernidade, o autor esclarece que a condição atual da América Latina excede o seu

¹ Mestrando em História Cultural pelo Departamento de História do IFCH/UNICAMP e bolsista FAPESP.

território. Ou seja, num mundo de migrações maciças e comunidades transnacionais, as culturas argentina, boliviana, paraguaia, brasileira ou mexicana não estão totalmente contidas em seus países, assim como a América Latina não está inteiramente no território que leva esse nome. Analisando (portanto admitindo) os inconvenientes de ser latino-americano e com isso exercendo um latino-americanismo crítico, Canclini produz aqui uma reflexão que ao mesmo tempo se compromete com esta terra (que não é uma, porém várias) e com a idéia de integridade intelectual, que rejeita as simplificações conceituais e políticas.

Além disso, a obra está inserida nas das discussões suscitadas na Argentina após a grande crise de 2001. Nos últimos anos, parece existir uma tendência dentro da historiografia do país: a de se pensar, após anos de silêncio e negação, a sua identidade atrelada ao continente latino-americano. Partindo de uma constatação geral, a idéia da negação do continente e da fragmentação da “latino-americanidade”, o autor tenta entender como o continente está se inserindo nos tempos de globalização e trocas transnacionais.

O primeiro capítulo do livro começa com uma reflexão bastante apropriada: o que está acontecendo na América Latina, um continente que já expulsou centenas de milhares durante as ditaduras das décadas anteriores, para que continue impelindo tantos latino-americanos até a Europa e Estados Unidos? Em outras palavras, por que o ponto em comum entre as diversas nações latino-americanas parece ser hoje em dia, o fato de seus cidadãos expressivamente não quererem ser latino-americanos? Por que se constrói diariamente a idéia da inviabilidade no próprio continente?

Para Canclini, isso se deve, sobretudo, à tendência da desterritorialização dos Estados nacionais dentro da modernidade, que não mais contemplam – dentro de um mundo globalizado – a idéia de identidade nacional. De uma maneira geral, o autor analisa sob a ótica da globalização e dos discursos de fragmentação pós-moderna, a tendência em se pensar a vida fora do continente e, por consequência, a negação do “ser latino-

americano”, como uma oportunidade melhor de sobrevivência. A idéia central é pensar como a identidade na América Latina é, atualmente, marcada pela dispersão das migrações.

Uma vez apresentado o problema central, o segundo capítulo analisa as formas em que se processa a desintegração da identidade latino-americana. Munido de conceitos-chave como “Indústria Cultural”, “globalização” e “mercado”, o autor analisa o que caracterizaria a identidade latino-americana nos tempos de hoje. Para tanto, no início do segundo capítulo, há uma breve discussão a respeito de como a identidade vem sendo tratada, descoberta e posta à prova no continente nos dois últimos séculos.

Segundo Canclini, durante o século XIX e um bom trecho do XX, cada pessoa pertencia a uma nação, e era dessa perspectiva que ela imaginava suas relações com os outros. A nação servia de continente para a cidadania e de mediadora das interações para além das fronteiras. Se por um lado, os séculos anteriores foram marcados pela presença da nação como centro difusor de identidades, por outro, o século XXI tem como característica o processo de desterritorialização do Estado nacional.

Aqui, o argumento de Canclini enfraquece. Para comprovar sua tese central de que a globalização marcaria o fim dos limites do Estado nacional na composição de uma identidade nacional, o autor não menciona toda uma historiografia existente a respeito da identidade no continente durante o século XIX e XX. Até mesmo, os debates mais recentes sobre a eficácia da imposição de discursos institucionais e nacionais sobre os agentes históricos não são citados. A impressão que temos ao ler as páginas do segundo capítulo é que o Estado nacional tinha força suficiente para criar um discurso agregador, ainda que violento, quase unânime, na composição de uma pertença identitária. Apagam-se os conflitos e as lutas internas dentro de cada país, além das especificidades históricas que levaram mexicanos, argentinos, uruguaios, brasileiros, chilenos, etc. a se pensarem como latino-americanos. O autor cria um pastiche sobre a identidade na América Latina do século XIX e início do XX para comprovar a sua idéia de que essa

identidade é posta à prova pelos tempos da globalização e das trocas transnacionais. Em outras palavras, embora o autor negue explicitamente no decorrer do texto, ele parece compartilhar a idéia da existência de uma essência latino-americana no fim do século XIX e início do XX, que é perdida em virtude dos tempos neoliberais e da desterritorialização do Estado nacional.

Essa desterritorialização já teria sido antecipada, segundo o autor, pela difusão translocal da cultura e pelo modo como a reorganização de mercados musicais, televisivos e cinematográficos reestruturam os estilos de vida e desagregaram imaginários comuns. Trata-se, em síntese, de observar como músicos, artistas e intelectuais latino-americanos transitam com facilidade em mercados nacionais e internacionais: cantam, escrevem e publicam em gravadoras, editoras e línguas que não são mais as de seu país de origem. Assim, o local dilui-se diante da escala global e altera a maneira como os indivíduos se sentem ou se representam como sujeitos.

O terceiro capítulo do livro desenvolve a seguinte idéia: duas narrativas organizaram as tentativas de transformar a história da América Latina no último meio século: a autogestão nacional-regional e a abertura modernizadora do neoliberalismo.

Mais uma vez referindo-se à “nação”, durante o século XIX e início do XX, como centro amalgamador de propostas para definir o latino-americano, o autor envereda-se por uma discussão sobre o caráter dos projetos modernizadores na América Latina e sua tentativa de concentrar identidades nacionais. Com a falência desse projeto modernizador, a situação atual se caracteriza por uma crise geral dos modelos de modernização autônoma, pelo enfraquecimento das nações e da própria idéia de nação. Somando-se esses fatores, o autor acredita que o que temos, atualmente, é uma crise das identidades nacionais.

A transnacionalização da economia e da cultura tornou pouco verossímil a noção de identidade nacional, erodida pelos fluxos econômicos e comunicacionais, pelos deslocamentos de migrantes, exilados e turistas, bem como pelos intercâmbios financeiros multinacionais e pelos

repertórios de imagens e informação distribuídos por todo o planeta por jornais e revistas, redes de televisão e Internet.

Todos estes fatores teriam contribuído para a falência de instituições criadas para organizar o livre comércio entre as nações latino-americanas. Assim, o que impera é uma incerteza socioeconômica e política quanto à viabilidade do continente. De um ponto de vista sociocultural, ao contrário do que acontecia em décadas anteriores, isso contribui para que o panorama mais recente da América Latina seja invadido por discursos que transbordam o conceito tradicional de identidade. A fragmentação proporcionada pela globalização teria reavivado reivindicações locais ou étnicas, tornando mais exequível a construção de pequenas identidades.

Dando seqüência, o quarto capítulo do livro se constrói dentro de um eixo central: pensar como funcionam as identidades fracionadas, globalizadas, múltiplas, dispersas, circunstanciais, localizadas ao longo do livro e quais as conseqüências desse processo de “não pertencimento” dentro de uma produção cultural do próprio continente.

Embora não cite, o autor dialoga com um dos principais teóricos do conceito de identidade. Em um de seus últimos livros, *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Stuart Hall reflete sobre as formas através das quais devemos pensar a identidade nacional e o “pertencimento” à luz da experiência da diáspora. Sob a perspectiva do multiculturalismo e dos estudos pós-coloniais, Hall insere o processo de formação das identidades dentro de um contexto que transcende os limites políticos e geográficos da nação.

Partindo disso, Canclini afirma que essa nova etapa na construção de discursos identitários acarreta a perda de projetos nacionais dentro da cultura. Para o autor, a era neoliberal afastou o Estado nacional do centro de decisões da produção simbólica da cultura que circula por seus territórios. Nas últimas três décadas, a maioria dos editores nacionais latino-americanos foi falindo ou vendendo seus catálogos para editoras espanholas, depois compradas por grupos franceses, italianos e alemães.

Estes acontecimentos refletem por um lado a dispersão da construção identitária e, por outro, a perda de autonomia intelectual no continente.

Neste capítulo, salta à vista o posicionamento do autor diante de questões ligadas à produção cultural. Para Canclini há, atualmente, o imperativo das demandas do mercado que são controladas por empresas européias e estadunidenses. Essas por sua vez, são responsáveis pelos ditames daquilo que deve ser produzido ou consumido. Embora afirme que o Estado não cria cultura, ele é – nas palavras do autor – indispensável para gerar as condições contextuais, as políticas de estímulo e regulação em que os bens culturais possam ser produzidos e acessados com menor grau de discriminação. Por isso, este capítulo é também uma exortação do autor à criação de legislações de amparo à cultura e proteção da produção intelectual, para elaborar imaginários coletivos interculturais mais democráticos e menos monótonos.

O penúltimo e quinto capítulo começa com uma constatação: vivemos os anos 80 e 90 tentando nos globalizar. Os economistas convenceram os políticos da necessidade de abrir as nações aos capitais estrangeiros. O desenvolvimento das indústrias nacionais deixou de importar, e o decisivo na avaliação dos países passou a ser quantos investimentos eles seriam capazes de atrair, fosse onde fosse, e quantos produtos conseguiriam exportar. A relação com o mundo parecia ter mais prestígio que a ligação com o local. Para o autor, essa abertura desenfreada acarretou na atual decadência latino-americana.

Fruto dessa experiência, as culturas locais – populares – se viram desacreditadas em face de uma economia globalizante. Para Canclini, esse é um problema maior: culturas excluídas da globalização perdem o que tinham de local; e além da sustentação econômica e social, perdem significado, já que as “políticas de lugar” são importantes para a continuidade histórica dos povos. Aí, estaria para o autor o sustentáculo dessa falta de perspectivas no continente: ao perder sustentação econômica e social a partir dos anos 90, o continente também perdeu significação. Por isso, continente murcho, autodestrutivo.

O capítulo de conclusão do livro traça um esboço geral das idéias abordadas no decorrer da análise. Para Canclini, de fato, a heterogeneidade da composição histórica do continente sempre dificultou a definição do que é a América Latina e de quem somos nós, latino-americanos; porém, nos últimos anos a coisa se complicou ainda mais. Contudo, ainda há governantes latino-americanos que se reúnem periodicamente com o pretexto de representar nações existentes. Há movimentos indígenas que se confederam como latino-americanos, cineastas que se agrupam sob a mesma rubrica, associações de universidades e redes informáticas que reivindicam este nome.

Para além de simples constatações, essas identidades afirmadas aqui e ali oferecem possibilidades ao continente. Como intelectual engajado, Canclini sugere uma breve agenda de tarefas que poderiam contribuir para que a América Latina se reconstituísse como região, posicionando-se de uma maneira mais criativa e competitiva nas trocas globais.

Segundo o autor, ouvimos repetir que os anos 80 foi a década perdida da América Latina, devido ao crescimento zero da região. Como chamar os anos 90? Segundo Canclini, foi a década da impunidade, da apropriação atropelada do patrimônio latino-americano por corporações transnacionais e de governantes que privatizaram até o que dava lucro, com o pretexto de que algumas empresas estatais não eram rentáveis. Esvaziaram os suportes econômicos e destruíram as condições de trabalho local que tornava crível a existência das nações. Ou seja, diminuíram assim, a possibilidade de participar digna e competitivamente da globalização.

Em decorrência disso, conclui Canclini: não é a melhor época para escrever sobre a integração latino-americana. Mas explorar o potencial conjunto de nossas práticas culturais pode nos ajudar a imaginar outro modo de nos globalizarmos. Afinal, de tantas contas deficitárias, a lista de insatisfações está repleta de assuntos culturais: como lidar com a perda de identidades, como superar a desconfiança para com os líderes, o que fazer com os migrantes e os diferentes, como encontrar sentido e clareza em

Felipe de Paula Góis Vieira

meio à confusão. É preciso intercalar, segundo o autor, esse nome – latino-americanos – no diálogo global, encontrando a medida com que podemos escrevê-lo. Esta é a condição para que essa identidade não seja lida entre aspas.